

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno II

Florianopolis, 12 de Julho de 1919

Num. 45

Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de Edsia Aducci

PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.

Zuleika, sua filha.

Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna,
creadas

Baroneza Flriot.

Condessa Zurbaran.

Wilma, amiga de Zuleika.

SCENA I

Anastacia e Anna

Anastacia — (entra com um jornal na mão) Como? Ainda não está aqui? (Pequena pausa) Dia a dia mais rabugenta se torna a velha, e eu que a ature! Sim!, eu que amole agora aqui a paciência, a esperar que ella se digne trazer-me, quando bem quizer, velas e phosphoros, para eu humildemente distribuir pelos fidalgos dormitórios!... Não!, isto não pode continuar assim! Os jornaes tem toda a razão! Estou farta!, mais que farta desta vida tão submissa!

Anna — (entra quando Anastacia diz as ultimas palavras) Do que está farta você, si ainda não jantou?

Anastacia — (com desdem) Ah! s tu, Anna? Pois entendeste muito mal o que eu dizia, minha cara: do que estou farta  de limpar o p que fidalgamente pousa nos fidalgos moveis desta casa, de pentear os fidalgos cabelos de minhas fidalgas senhoras, e de engommar blusas e cabees fidalgos! Entendes agora?

Anna — (dando uma gargalhada) Ah! ah! ah! apprendi mais uma cousa hoje, pois sempre julguei que são as pessoas podiam ser fi-

dalgas! Então as panellas e os pratos que lavo, e as batatas e os cenouras que descasco tambem são fidalgos, não  assim?

Anastacia — Deixemos de gracejos, Anna, e falemos seriamente: não quererias ser do meu partido?

Anna — Do seu partido? Que quer isto dizer?

Anastacia — Quero dizer que, si tu fizeres commigo certas exigências, farão ellas mais impressão!

Anna — (admirada) Mas como hei de fazer a impressão?

Anastacia — Tu ainda não me comprehendeste! Escuta bem, portanto: tu gostas de trabalhar o dia inteiro, enquanto os patrões passeiam, lêem romances, etc.?

Anna — (admirada) Mas os patrões não passeiam o dia inteiro e são lêem romances de noite!

Anastacia — (zangada) Arre! Ainda não me entendes!, e isto acontece porque não leste o que diz este jornal!... Responde-me: gostas tambem de ser reprehendida quasi continuamente por aquella velha rabugenta?

Anna — Não, disso não gsto nem um pouquinho.

Anastacia — E não quererias que te augmentassem o salário?

Anna — (alegre) Oh! sim, isso queria muito!

Anastacia — (com ar de triumpho) E não querias tambem ter um dia de folga, além do domingo?

Anna — Ah! isto seria muito bom, mas...

Anastacia — Pois hs de ver como arranjaremos tudo! Escuta! (Desdobra o jornal e principia a ler) Operários!, jornaleiros!, o futuro será vosso! Conservai os vossos direitos! Avanci corajosamente!

Anna — (que a ouviu de bocca aberta) Psiu! Ah! vem algum!

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

Diario da Filha de Maria

Quero ser uma santa, custe o que custar

(Versão do francez por Mary)

III

Oh! sim, custar-me-á ser uma santa!

Custará *ao meu orgulho*, que não quer submeter-se, nem, sobretudo, ser esquecido, desprezado, desconhecido, e ao qual revolta a vida calma, pacifica e docemente occupada.

Custará *á minha sensualidade*, que não quer mortificar-se, e que aspira a tudo o que é luxo, goso, prazer.

Custará *á minha preguiça*, que aborrece o mais insignificante trabalho constante e regular, si não é pago pela lisonja ou por um vil salário.

Custará *á minha imaginação*, que não vive feliz sinão pela phantasia, pelas vagas aspirações do coração, pela independência de toda a regra.

Custará *á minha curiosidade*, que quer ver e saber tudo...

Oh! é duro, bem duro... mas, *custe o que custar, eu quero ser uma santa!*

Nora Sanfelice

Dize-me com quem andas...

— Joias tenho muitas, todas as de minha mãe, e dinheiro... arranjarei.

Um tanto hesitante sahio-lhe esta palavra da bocca. Os olhos de Grace brilharam de cubiça.

* * *

No dia seguinte, no trem das cinco, duas moças bem vestidas, o rosto discretamente coberto com um véo, abandonavam aquellas paragens. Eram ellas Grace e Yelma. A ultima recostou-se á poltrona, logo que o trem se poz em movimento, e, cerrando os olhos, recordava os episodios da ultima noite. Oh! nunda passára horas tão horrendas em sua vida! Para se recolher a seu quarto, a fim de se preparar, disse ter dôr de cabeça; a mãe a olhou um tanto assustada, pois não estava acostumada com isso. Ao encontrar o olhar da mãe, Yelma sentiu gelar-se-lhe

o sangue nas veias, e, abaixando a vista, sahio da sala. Ao passar pelo gabinete, não pôde resistir. Conhecia o segredo da burra, e abril-a era facil. Seus dedos já pousavam no botão electrico e secreto, quando, sentindo faltar-lhe as forças, disse consigo: «Oh! isto não, seria deshonrar-me de mais.» Em seu quarto reuniu os joias que possuia e um pouco de roupa branca e deitou-se mesmo vestida. Na manhan seguinte apromptou-se ás pressas, e, lançando um derradeiro olhar em redor, abandonou a casa paterna.

Grace já a esperava. A esta a despedida não custára tanto. Deixára uma carta a Maggie em que dizia: «...os nossos genios não combinam: deixo-te sem grande pena; não procures saber o meu paradeiro; seria em vão. As joias eu as levo todas, tu não tens necessidade dellas. Adeus! Teu coração de pedra não sentirá falta da irmã.» O que ella não sabia é que, ao encontrar esta carta, Maggie cahira com um soluço desesperado no *fauteuil*, exclamando: «Irmã desventurada, que nunca quizeste ouvir os conselhos que te dava! Agora, que sahiste de casa, mais difficil será ainda a emenda!» O peor ella ainda não sabia: que Grace havia seduzido Yelma. Ainda mais esta dôr estava reservada áquelle pobre coração angustiado.

Logo que deram pela fuga de Yelma, a casa poz-se em movimento. Sobre a escrevaninha foi encontrado um bilhete: «Não posso mais, adeus!...» Mal o conde leu isto, mandou suspender a busca e um gemido escapou-se-lhe dos labios. Nada mais; tinha banido de si para todo o sempre a filha tão adorada. A mãe, não podendo supportar tamanho golpe, foi prostrada por uma febre alta, e, delirando, via sempre a filha... Aquella casa tão alegre e feliz, tinha-se transformado em uma moradia de dôr, pela leviandade de uma creança.

Deixemos o palacio e voltemos a Yelma e Grace.

Logo que se installaram em um hotel, Grace principiou a atormentar a amiga, perguntando-lhe pelo dinheiro. Esta por fim confessou que o não trazia consigo. A *doce e compassiva* Grace mostrou então o que era. Como uma fera lançou-se sobre a indefesa companheira, insultando-a a mais não poder. Por fim, cansada de a maltratar, virou-lhe as costas, e, carregando a mala de Yelma, abandonou o quarto. Esta a principio pensou que Grace tinha ido ao quarto contiguo. Mas, passando algumas horas e não apparecendo Grace, Yelma inquietou-se e desceu para perguntar pela companheira. Responderam-lhe então que Grace havia abandonado o hotel algumas horas antes, declarando que se ia mudar para uma pensão. A pobre Yelma sentiu então todo o peso de sua desventura e leviandade. Sem um vintem, como haveria de voltar? Só um pensamento, porém, lhe ficava claro na mente: tornar a casa e pedir perdão de sua falta.

Cabisbaixa e com o coração dilacerado, poz-se ella a pé a caminho do lar paterno.

E assim caminhou ella, a condessa Yelma, descendente de uma das mais nobres familias, exposta ao sol e á chuva. Aqui e ali mendigava uma migalha de pão. Seus péssinhos começaram a negar o serviço, e por fim adormeceu á beira da estrada.

O dia seguinte amanheceu claro e limpo. Yelma colheu uns morangos e continuou a jornada. Por fim, ao cahir da tarde, ella se achava em frente ao palacio dos seus. Como uma ladra penetrou na casa onde nasceu e conseguiu introduzir-se até os aposentos de sua mãe, sem ser vista. Ali um doloroso espectáculo se offereceu a seus olhos: deitada nos macios acolchoados de seu leito, jazia a pallida condessa, tendo entre as mãos o retrato da filha desaparecida. A' sua cabeceira, com os olhos cobertos pelas mãos, estava o pae. Na porta, sem se mover, esteve Yelma por muito tempo, até que um soluço fugiu-lhe da garganta, chamando a si o pae, que parecia sonhar. Quando deu com a filha, seu rosto tornou-se severo, e sua mão tremula indicou-lhe a porta. Sem se conter, a pobre creatura lançou-se a seus pés, implorando o perdão. No mesmo instante os labios incoloros da pobre mãe murmuraram: Yelma! Yelma! A filha se lhe atirou nos braços, chorando convulsamente. O pae assistia a essa scena sem dizer palavra. Elle luctava com o orgulho... Por fim sua esposa pegou em uma de suas mãos e murmurou: —Eu morro, Harry; não me negues o ultimo consolo de saber felizes os que amo. Perdoae as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos vededores...

E a filha, levantando-se, veio inclinar humildemente a cabeça diante do velho fidalgo. Este lançou um ultimo olhar á esposa adorada, que via morrer. E, enquanto uma lagrima silenciosa rolava-lhe pela face, disse: Amen.

O amor de pae vencera, e elle estreitava em seus braços a filha que voltára arrependida. Um riso de alegria passou pelo semblante da moribunda, que exhalou o ultimo suspiro, exclamando: —Harry adorado, filha querida... eu morro... adeus. Meu Jesus...

* * *

De Grace nada mais se ouviu. Ella não quiz tornar á vizinhança de Yelma, que agora saberia repellil-a com energia e constancia.

FIM

DOMINIOS DA ESPHINGE

(8.º torneio charadístico)

(Julho, Agosto e Setembro)

Tres premios ás vencedoras

9—11) CHARADAS NOVISSIMAS

Assim seja! mas tenha pena da Ada, que só come este fructo — 2,1,1.

—o—

Anda; assigna o letra. Assim quer a fatalidade! Que remedio! — 1,1,2.

Meu Deus! elle acredita que descobre pelo tino o medicamento — 1,1,3.

Diva d'Alva.

PARA FAZER DA «PENNA, AGULHA E COLHER» UM JORNAL ILLUSTRADO

Uma Filha de Maria (*em cumprimento de uma promessa*) 20\$000
Um vigario da Serra 15\$000

5) ANCILLA DOMINI

NA INTIMIDADE

Que olhos severos me lançou o tio, quando me ouviu falar em farinha diante d'aquella obra prima!

Depois da artista pintora veio o turno da artista musical. Ouvi com respeitosa veneração umas musicas ante-diluvianas, que já por muito antigas nem o Rei David havia de querer ainda tocar em sua harpa nas doces tardes de ocio... Onde teriam as primas ido buscar aquellas «fantasias faceis e brilhantes» de umas operas dos tempos pre-historicos?

E os tios a deliciarem-se embasbacados, boquiabertos, com sinceridade tocante e bastante ridicula... Adeus, mãe amada, cada dia mais te ama a tua Mécia.»

III

Oh mãezinha, quanto és má por me ralhares tanto!

Não comprehendes, dizes na tua ultima, a minha maldosa critica. A tia Judith é um modelo de boa mãe, extremamente dedicada aos seus, e o amor maternal, ainda mesmo nos seus excessos e desvarios, é respeitavel e digno de estima.

Desagradou-te em extremo o meu tom de mofa, ao relatar as cousas que se passam na intimidade de uma familia, que tão bondosamente me recebeu. Perdoa-me, mamãe, eu não te quiz desgostar, bem sabes que a idéa de te causar o mais leve dissabor, é para mim um espinho n'alma. Perdoa-me de pressa, e manda-me, quanto antes, o mais carinhoso dos teus beijos. Tia Judith tem sido, realmente, de bondade extrema para comigo, e não me fica bem o ser ingrata e notar-lhe as pequeninas imperfeições, inherentes a todo ente humano.

Mas que queres? tenho natural pendor para vêr o argueiro no olho do vizinho... e não posso deixar, apesar de tua nimia severidade, de conversar contigo de coração aberto.

Não nasci para viver em meio tão acanhado como este, tu e papae habituastes-me a tudo quanto é elevado e bello, ás conversações intelligentes, a todos os regalos intellectuaes; como queres que me possa eu identificar em poucos dias, com o prosaismo metuculoso deste viver de aldeia?

No entanto, para obedecer ás tuas prescripções de hygiene d'alma, desço diariamente do alado pégaso e, auxiliando a tia em seus multiplos misteres caseiros, tento matar, a ponta de agulhas, as recordações saudosas daquelle a quem dei o palpitante primeiro de meu joven amor; e quando sinto avultarem n'alma os sentimentos affectivos, as vivas saudades, corro a tomar da tia a colher de mexer doce ao lume.

Vês por ahí, que não mereço sómente reprehensões e ralhos.

Chegou afinal o grande heroe da casa, o primo Lourenço, promotor publico de Z. que veio em gozo de férias de fóro.

Eu fazia-o rechonchudo bêbê; meu mau espirito caricaturava o respeitavel magistrado de bibe e de chupêta na bôca; foi para mim surpresa agradavel observar que não é tão bocó quanto m'o fazia a descripção de sua gente.

No entanto, a nossa primeira entrevista não foi das mais felizes; ao que parece precedeu-me aqui fama de letrada, de muito instruida e só o primo Lourenço era considerado na altura de sustentar comigo uma palestra litteraria.

O primo veio armado de ponto em branco para a liça. Pobre de mim! conservei-me na defensiva, ante a descarga formidavel que o primo me serviu. Após rapidas considerações geraes, bastante criteriosas, começou a falar-me de seus autores preferidos: — Conhece, sem duvida, Shakespeare? e Dante? e Petrarca?...

— Uff, primo! deixe-me tomar folego; não, nunca tive o prazer de ser pessoalmente apresentada a tão illustre areopago.

— O' priminha, não zombe de mim.

— Sou incapaz de o fazer, primo.

— Não aprecia os philosophos christãos, os grandes mestres da eloquencia sagrada, como: Bossuet, Bourdaloue, Massillon, Lacordaire, ou os nossos classicos: Vieira, Bernardes, Luiz de Souza?

Então, numa contra-offensiva furiosa, atirei-me a citar nomes de autores, como se fossem os meus preferidos, nomes colhidos, alguns, em catalogos de livraria, outros apenas conhecidos de oitiva. Era digno de ver-se o espanto do primo Lourenço. Fiz uma incongruente salada, verdadeira mistura salina de romancistas de todas as escolas, philosophos, scientistas, dramaturgos, emfim todos os nomes que me surgiam á mente. Deus me perdoe, citei até a autora da cozinha domestica e o de certo tratado de gymnastica sueca, como escriptores emeritos.

Primo Lourenço fazia una cara de «Vóvó, quero mais cangica!» ou antes, de quem mordeu em cheio um limão azedo... e não o achou doce. Tive medo de que elle se offendesse com a minha brincadeira. Cumpria provar-lhe que não havia ali mais que simples gracejo sem malicia.

Sem lhe deixar tempo de pronunciar palavra, exclamei: — Antes de proseguirmos

neste duello litterario, deixe-me relatar-lhe uma anecdota de que me lembrei ao declinar por brincadeira a minha lista de autores. Não sei se o primo conhece o caso: Dous homens, muito versados em cousas do céo, conversavam um dia, e cada qual se gabava de conhecer mais santos do que o outro. Vamos a uma aposta, disse o antagonista, cada um de nós, á medida que fôr citando nomes de santos vae arrancando ao outro os fios da barba em numero correspondente.

— Está dito, comecemos! — aceitou o companheiro.

Cumprir notar que os dous contendores possuíam ambos uma bella barba farta, respeitavel e longa.

— Sta. Barbara, S. Jeronymo! — exclamou o primeiro, e zás! dous fios de barba foram arrancados ao outro.

— Stos. Cosmé e Damião! — retrucou o segundo, procedendo a mesma operação eliminatória, no mento do adversario.

— S. Gervasio!

— S. Protasio!

— S. Luiz!

— S. Francisco!

— Santo Thomaz!

— S. Manoel!

— Santa Rita dos impossiveis!

— Santa Hedvigis, duqueza da Polonia!

— Doze Apostolos! — exclamou o primeiro, mettendo a mão sem piedade, em uma duzia de cabellos do vizinho.

— Onze mil virgens! — bradou furioso o segundo, devastando por completo a viçosa e florida barba do infeliz adversario, cujo queixo ficou de repente todo depilado.

Ora, primo, nós estamos tambem aqui a citar autores e eu não quero arriscar a minha cabelleira. Por medida de prudencia dou o litigio por terminado.

Primo Lourenço riu gostosamente, deixamos ambos de alardear erudição e puzemos a conversar com mais naturalidade.

E' sympathico o primo e parece bom rapaz; muito attencioso com os paes, affavel com as irmanas, é em compensação o verdadeiro ai Jesus! de todos.

Chegou-me hoje uma carta de Mendo, a qual vae aqui inclusa para que papae responda em meu logar. Eu já tinha avisado ao rapaz que não me escrevesse, porque meus paes não queriam que eu tivesse cõrrespondencia com elle.

(Continúa)



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianopolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.